

## Eletronorte talvez não desmate área de Balbina

**PATERSON PEREIRA**  
Repórter do Sucursal de Brasília

Difícilmente aparecerão empresários do setor madeireiro interessados em retirar em proveito próprio a madeira de valor comercial existente na área do futuro reservatório da usina hidrelétrica de Balbina, se a Eletronorte não se responsabilizar pela instalação da infra-estrutura necessária ao transporte da produção. Mesmo assim, é bem provável que o desmatamento não seja realizado a tempo (a área terá de estar pronta em abril de 1987) e, ao final, ou a Eletronorte põe fogo nos 165 mil hectares que serão inundados ou atrasa o cronograma da usina, que está prevista para entrar em operação em abril de 1988.

### Inviabilidade

Na realidade, não há viabilidade técnica nem econômica na instalação da usina hidrelétrica de Balbina, cuja decisão de instalação foi tomada a partir do segundo choque do petróleo, em 1979, com vistas a substituir as 200 mil toneladas/ano de óleo combustível gastas para gerar energia para Manaus. A usina de Balbina tem um custo estimado em US\$ 600 milhões, o que representa cerca de US\$ 2.400 por quilowatt (um dos mais caros do mundo, sem computar a despesa com desapropriações, com infra-estrutura e com o desmatamento). Além desse aspecto, deve-se levar em consideração o fato de que, para produzir 250 mil quilowatts, a usina de Balbina deverá inundar uma área de 165 mil hectares, enquanto que em Tucuruí estão sendo inundados 216 mil hectares, para a produção de quatro milhões de quilowatts (em primeira etapa).

### Situação irreversível

Mesmo assim, as obras de Balbina foram iniciadas e o Ministério das Minas e Energia, quando tomou consciência desses aspectos, chegou a cogitar de suspender as obras e cancelar o contrato. Mas, devido às pressões políticas e com base no argumento de que o custo de desmobilização era igual ao investimento previsto para este ano (cerca de Cr\$ 126 bilhões), o ministério autorizou a continuação das obras daquela usina, em ritmo desacelerado. Em consequência, a usina hidrelétrica de Balbina, hoje, é irreversível, mas, faltando apenas dois anos e quatro meses para o fechamento da barragem (e a consequente formação do reservatório), ainda não há nenhuma medida concreta com vistas ao desmatamento, que terá obrigatoriamente de ser realizado (ao contrário de Tucuruí, onde a floresta foi afogada).

Na última semana, finalmente, a Eletronorte publicou o edital de chamamento às empresas interessadas em retirar a madeira de valor comercial da área a ser inundada pelo reservatório de Balbina. Mas o edital é tão falho, que deixa dúvidas sobre a responsabilidade de aparecer algum interessado, principalmente depois do que foi discutido numa reunião da Eletronorte com empresários e representantes sindicais das indústrias madeireiras, realizada no dia 16 de maio deste ano.

### US\$ 15 milhões

Durante a reunião, foi apresentado um estudo realizado pela Jaakko Poyry Engenharia, segundo o qual o volume bruto de madeira existente nos 165 mil hectares da área do reservatório de Balbina é da ordem de 33 milhões de metros cúbicos, dos quais apenas 10,9 milhões de metros cúbicos com valor comercial. Segundo o estudo, o custo para derrubar, queimar e semear gramíneas é da ordem de US\$ 179,00 por hectare, o que significa um gasto de US\$ 15

milhões no desmatamento dos 84 mil hectares onde está localizada a madeira de valor comercial.

Nessa reunião, o representante do Sindicato dos Compensados e Laminados do Paraná, Saul Zugman, assinalou que está ocorrendo em Balbina o mesmo que ocorreu em Tucuruí, pois "o planejamento não foi feito com a antecedência necessária para o que deveria ter sido planejado, ou seja, 10 anos, e que a exportação de toras é antipatriótica".

Zugman sugeriu ainda que a Eletronorte oferecesse gratuitamente a área para exploração e ainda assim duvidou que aparecesse interessado. Já o empresário Paulo Figueiredo revelou, na mesma reunião, que "serão necessários pelo menos seis meses para implantação de qualquer indústria, o que inviabiliza qualquer empreendimento, inclusive exportação de tora" e que "o tempo é muito curto para se atingir o mercado".

Não se sabe por que a Eletronorte vem insistindo em resolver a questão do desmatamento de Balbina da forma mais morosa possível. E, além de não considerar muitas das observações pertinentes feitas na reunião de 16 de maio, por empresários do setor, o Edital de Chamamento publicado pela Eletronorte na última quarta-feira parece confirmar a tese da morosidade: em primeiro lugar, o edital não revela qual será a participação da Eletronorte no desmatamento de Balbina, mas a empresa, certamente, terá de arcar com os custos da instalação de infra-estrutura. Somente em estradas para o transporte da madeira deverá ser gasto cerca de US\$ 5.000,00 por quilômetro, o que significa uma despesa de US\$ 82 milhões se forem desmatados os 165 mil hectares, ou de US\$ 42 milhões, se forem desmatados apenas os 84 mil hectares. Isto sem contar a possibilidade de as empresas madeireiras cobrarem pelo trabalho realizado, e sem considerar os custos das demais infra-estruturas.

### Falta de condições

Mesmo que apareçam interessados, como é que eles vão trabalhar, se não têm por onde retirar a madeira? Assim, além do alto custo de instalação, a Eletronorte levará um bom tempo na construção das estradas, para que as madeireiras comecem a trabalhar. Quando isso acontecer, é bem provável que os dois anos e quatro meses já tenham se passado.

Também não existe, até agora, nenhuma providência quanto à desapropriação de áreas, que certamente terão de ser feitas. E, se a Eletronorte "corre contra o tempo", qual a razão de obrigar os interessados a se deslocarem até o escritório da residência de obras da usina de Balbina, a 170 quilômetros de Manaus, para obtenção de "informações complementares" (como consta do edital), se tais informações poderiam até mesmo serem enviadas pelo Correio, reduzindo os custos e os gastos?

Da forma como está conduzindo o assunto, a impressão que fica é que a Eletronorte não tem interesse real em liberar a área do reservatório de Balbina para as empresas nacionais que desejem retirar a madeira comercial ali existente.

### "Derrubar e queimar"

A explicação para isso poderia estar numa resposta do Coordenador Geral da Presidência da Eletronorte, Armando Ribeiro de Araújo, durante a reunião de 16 de maio: "O objetivo da Eletronorte não é incentivar a área madeireira às explorações na região amazônica, mas sim procurar dar um aproveitamento econômico às madeiras. Caso isso não seja possível, vamos derrubar e queimar".